

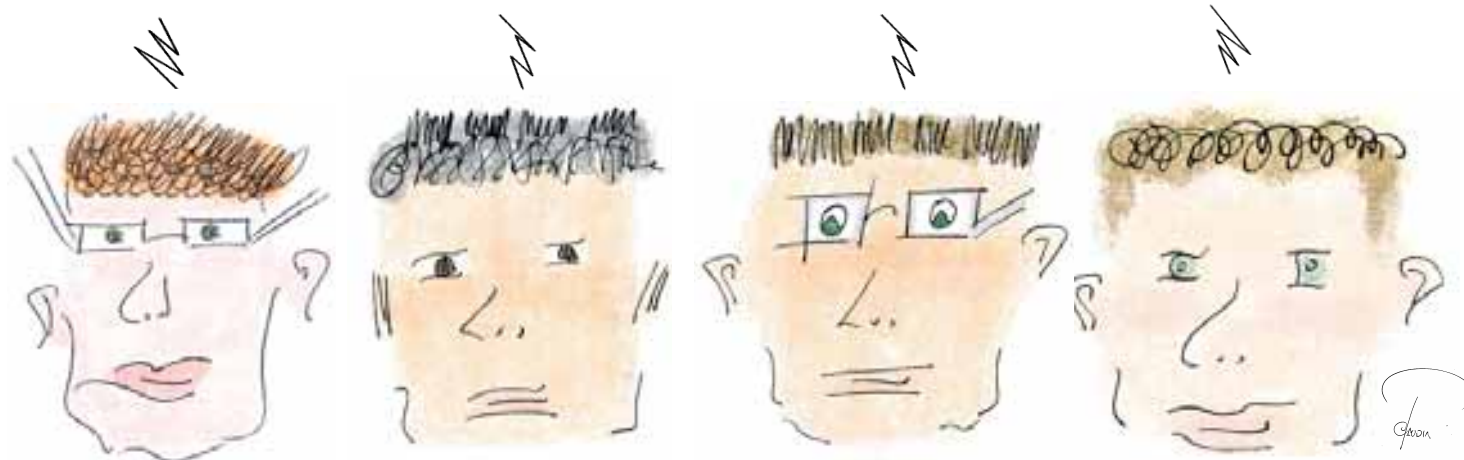


ENTRE TANTAS NOTÍCIAS, CHAMOU ATENÇÃO A MATÉRIA DA FOLHA DE SÃO PAULO SOBRE UM FENÔMENO QUE ALIMENTA EGOS E GARANTE STATUS: AS CONDECORAÇÕES.

COM REPORTAGEM DE FREDERICO VASCONCELOS, O TEXTO INFORMA QUE "SOMENTE O GOVERNO DE MINAS GERAIS GASTOU QUASE R\$ 1,2 MILHÃO PARA DISTRIBUIR 1.792 MEDALHAS E COLARES NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS".

SOBRE O ASSUNTO, O ANTROPÓLOGO ROBERTO DAMATTA DECLARA QUE "O BRASIL DÁ MUITAS MEDALHAS, OU SEJA, TEM MUITO MAIS CACIQUE DO QUE ÍNDIO".

NA VISÃO DO PSIQUIATRA E PSICANALISTA PLÍNIO MONTAGNA, "O RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO SÃO IMPORTANTES (...) O PROBLEMA SURGE QUANDO AS PESSOAS DEIXAM DE PREMIAR QUEM MERECE E CRIAM UM CÍRCULO VICIOSO".



CONDECORAÇÕES Entre tantas notícias, chamou atenção a matéria da Folha de São Paulo sobre um fenômeno que alimenta egos e garante status: as condecorações. Com reportagem de Frederico Vasconcelos e o sugestivo título "*Medalhas alimentam fogueira das vaidades e esvaziam cofres*", o texto informa que "*somente o governo de Minas Gerais gastou quase R\$ 1,2 milhão para distribuir 1.792 medalhas e colares nos últimos dois anos*". Sobre o assunto, o antropólogo Roberto Damatta declara que "*mérito deve ser premiado, não os amigos*". O assunto gerou quase três páginas da Folha, algumas fotos e milhares de palavras.

1.792 MEDALHAS Com muito senso de humor, o jornalista Frederico Vasconcelos conta que, 26 dos 44 ministros do STF e do STJ "*vergariam com o peso de 410 medalhas citadas em seus currículos*". A prática da condecoração com placas e colares é comum no Executivo e no Legislativo dos estados nacionais e do mundo. Porém, a matéria chama a atenção para a disparidade na concessão de comendas entre dois importantes estados brasileiros. Enquanto Minas Gerais distribuiu 1.792 medalhas e colares entre 2006 e 2007, São Paulo, atingiu a cota de 1.580 condecorações desde a criação da Ordem do Ipiranga em 1969, e da Medalha dos Bandeirantes, em 1980.

QUEM INDICA? A ministra mineira Carmem Lúcia, por exemplo, chegou ao Supremo com 15 medalhas, 10 das quais concedidas pelo governo de Minas. O ministro Marco Aurélio Mello do STF, atual presidente do TSE não é mineiro, mas é o campeão em homenagens. Ele já foi condecorado com 82 medalhas. Na visão de Marco Aurélio "*a pessoa tem valor por si própria, pelo desempenho, não pela condecoração (...) Mesmo porque nada assegura que a condecoração seja sempre um ato acertado (...) às vezes depende muito da indicação*".

MEDALHA E RENÚNCIA Segundo assessores, nos últimos seis anos, a Presidência homenageou apenas três pessoas com a concessão de medalhas. No Ministério das Relações Exteriores, Itamaraty, entre 2003 e 2007, 130 pessoas receberam a Ordem do Rio Branco. Contudo, um dos agraciados não foi visto com bons olhos. Severino Cavalcanti recebeu, em 2005, das mãos do presidente Lula, a Ordem do Rio Branco. O ex-presidente da Câmara, em seguida à sua premiação, renunciou ao mandato para escapar da cassação por falta de decoro. Na época, o líder do PSDB Artur Virgílio e o senador Jefferson Peres ameaçaram devolver suas medalhas Rio Branco.

HONRA E ESFORÇO Na visão do psiquiatra e psicanalista Plínio Montagna, diretor científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, "*o reconhecimento e valorização são importantes (...) o problema surge quando as pessoas deixam de premiar quem merece e criam um círculo vicioso*". Segundo o psicanalista "*uma honraria pressupõe esforço e até renúncia para chegar ao resultado (...) a ausência de critérios definidos leva ao reino da confusão, do caos, enfim, da perversão e da perversidade*".

MAIS MEDALHAS QUE HERÓIS Em entrevista ao repórter Fernando Barros de Mello (Folha de São Paulo), o antropólogo Roberto Damatta diz que "*o Brasil dá muitas medalhas, ou seja, tem muito mais cacique do que índio, muito mais general do que soldado e muito mais medalhados do que heróis*". Damatta arremata afirmando: "*se a medalha é dada todo mês, o seu valor é menor*". Segundo o antropólogo, "*há casos em que os poderes consolidam e, acima de tudo, legitimam seus amigos, seus correligionários, seus confrades e aquelas pessoas que admiram e respeitam (...). No Brasil, existe certo exagero nisso (...). A ética que tem transparecido nos últimos tempos é a ética partidária e do sectarismo, que não contempla ponte e negociação*".